

Retomada se consolida, confirmam empresas

Percepção de empresários reforça tendência apontada por indicadores econômicos

FERNANDO DANTAS

A confiança das empresas na retomada econômica está aumentando. Ao longo dos últimos dias e semanas, uma batelada de indicadores econômicos e notícias positivas vêm sendo divulgados (*ver quadro*). Os sinais mais visíveis de otimismo ainda se concentram no mercado financeiro, e a atitude das empresas é mais cautelosa, depois de três anos de baixo crescimento econômico. A novidade, porém, é que o sentimento positivo em relação ao futuro parece ter se consolidado, com a visão de que a recuperação econômica, embora gradual, é consistente.

“Estamos vendo este momento como um processo firme de retomada do crescimento”, diz Guilherme Bettencourt, presidente do conselho da Xerox no Brasil. Em agosto e setembro, ele observa, “decisões de fechamento de negócios com grandes clientes começaram a ser retomadas, e o volume de negócios com os pequenos e médios começou a aumentar”. No terceiro trimestre, a demanda pelos produtos e serviços da Xerox cresceu 20%, em relação ao segundo. E, em outubro, o nível de negócios foi 50% superior ao de julho, quando se iniciou a recuperação.

Philippe Boutaud, presidente-executivo da Santher, grande fabricante nacional de papéis higiênicos, guardanapos, toalhas de papel e absorventes, sediada em São Paulo, diz que “efetivamente estamos sentindo um melhora, que começou em julho, e se acentuou em agosto”. Com faturamento anual de R\$ 800 milhões, e líder no segmento médio de papéis higiênicos, vendendo 100 milhões de rolos por mês, a Santher teve o seu pior mês em junho. Agora, diz Boutaud, as vendas já estão em um nível 20% superior. “A retomada é consistente, mas não explosiva, e esperamos que não seja; o País precisa de credibilidade e consistência”, diz o executivo.

Queda do juro – Para o economista Andrei Spacov, da área de pesquisa do Unibanco, a retomada econômica que se inicia tem uma consistência que faltou à arrancada de 2000, último ano em que a economia brasileira teve um crescimento decente, de 4,36%. “Se olharmos para os últimos anos, estamos agora em condições únicas para trazer o juro real para baixo, para níveis sem precedentes.”

Spacov observa que, depois do Plano Real, a economia brasileira teve uma primeira fase, de câmbio controlado, com juros reais altíssimos, em torno de 20% ao ano na média (ele se refere ao piso das taxas de juros a cada momento). Depois da desvalorização de 1999, o juro real recuou, mas a média ainda ficou acima de 10%, muito alta em termos mundiais. Agora, ele vê condições para um juro real de 8% no fim de 2004, e ainda menor adiante. Com isso, a economia poderia crescer entre 3%

e 4% no ano que vem, e acima de 4% a partir de 2005, na sua avaliação.

“O que muita gente não entende é que o ajuste cambial ainda não estava completo em 1999 e 2000, e foi feito de lá para cá”, diz o economista. Para Spacov, a forte desvalorização do câmbio e seu efeito inflacionário obrigaram o Banco Central a manter o juro real em nível tão alto da desvalorização até hoje. Vencida a etapa de redução da vulnerabilidade externa, e com alta capacidade ociosa nas indústrias e salários achatados, ele vê amplo espaço para queda do juro real e crescimento sustentado: “Não sofremos em vão”.

O otimismo de Spacov, naturalmente, não é o sentimento geral. Robert Mangels, diretor-presidente da Mangels Industrial, produtor de laminados de aço, rodas de carros e botijões de gás, com 85% das vendas no mercado interno, diz que “em outubro, sentimos apenas uma ligeira melhora”.

No mercado específico da Mangels, o pior período foi de junho a setembro. Em outubro, as vendas avançaram 6% em relação ao nível do mês anterior. “Os economistas dizem que as condições macroeconômicas são favoráveis, mas os juros reais continuam muito altos”, critica Robert Mangels.

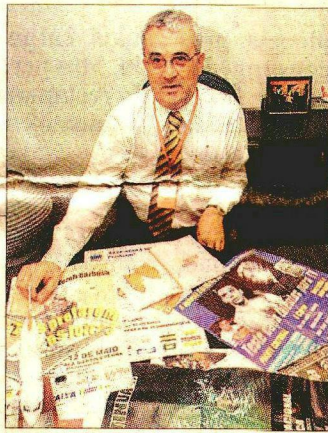
Ele considera que o ritmo da queda está muito lento, e inibe a recuperação do consumo.

Ironicamente, os comentários de Mangels podem, por um certo ângulo, reforçar o argumento otimista de Spacov e de diversos outros analistas do mercado financeiro. Não há dúvida que o ritmo da queda do juro real é exasperante. Se, por um lado, o piso dos juros reais de mercado despencou de 18%, no início do ano, para 10,5%, hoje, a evolução nas últimas semanas foi bem mais lenta. Por outro lado, se a previsão de Spacov se confirmar, e os juros reais romperem para baixo a barreira dos 10%, e continuarem a cair – mesmo lentamente –, uma das maiores aberrações da economia brasileira pode gradativamente ser desmontada.

Dinamismo – Mesmo com os juros ainda altos, não falta dinamismo empresarial na economia brasileira. A empresa aérea Gol, por exemplo, do empresário Constantino Júnior, vai fazer três anos em janeiro, e só conheceu o ambiente quase recessivo desse período. Apesar disso, a Gol abocanhava 20% do mercado doméstico, e hoje tem 2.350 empregados e 22 aeronaves, transportando 600 mil passageiros por mês no Brasil.

Tarcísio Gargioni, vice-presidente de marketing e serviços da Gol, nota que o tráfego aéreo nacional encolhia 10,5% até julho, comparado com o mesmo período de 2002. No mês de outubro, o tráfego foi apenas 1% inferior ao mesmo mês do ano passado. “Há uma tendência de curva ascendente, e esperamos um crescimento de 10% a 12% em 2004”, diz Gargioni. “Estamos otimistas e preparados para crescer”, ele arremata.

■ Mais informações nas páginas 3 e 4



Esperamos crescimento de 10% a 12% em 2004

Tarcísio Gargioni, vice-presidente de Marketing e Serviços da Gol

TERMÔMETRO DO AQUECIMENTO

